

# D(ex)sloc-AR

Elenise Cristina Pires de Andrade<sup>1</sup>

---

## Resumo

*fica o que não se escreve* (Paulo Leminski). Talvez fique o que não se veja. Pretender nesta escrita-experimentação d(ex)sloc-AR-TE *sentidos* a partir de uma relação de contato/contágio com... reticências, esperas, parênteses, contemplanções, atividades em outros planos de criação ressoando por conceitos de Gilles Deleuze. *Sloc sloc sloc*. Com-vidar fragmentos estéticos que não pretendem, não entendem a necessidade de ‘propor uma unidade’, mas que preferem provocar sensações: afectos e perceptos enquanto possibilidades de criação de um real, inventando-o. Com-vidar os parênteses a entrarem pelas frestas das linhas de fuga. Não pretendemos nem o ‘é’ nem o ‘não é’, mas *entre* e cores e vidas e mortes, percursos des-afia-dores das classificações, sem a necessidade de verdadeiro ou falso. Provocar (na arte, na vida, na escrita, na educação, em lugar nenhum) rompantes de caos, desconsiderações às hierarquias e aos julgamentos morais. *fica o que não se escreve* (Paulo Leminski). *Sloc sloc sloc*.

## Palavras-chave

Experimentação; ressonâncias; linhas de fuga.

## Abstract

*whatever is not written stays* (Paulo Leminski). Maybe whatever is not seen stays. In this experimentation in writing an attempt to (di)sloc-A(r)te senses from contact/contagion with... ellipsis, waitings, parentheses, contemplations, activities in other planes of creation resonating within concepts by Gilles Deleuze. *Sloc sloc sloc*. An in-Vita-tion to aesthetic fragments that do not have any intention to, do not understand the need to ‘propose a unit’, but prefer to spark sensations: affects and perceptos as possibilities of creating a real, inventing it. An in-Vita-tion for parentheses to go through the fissures of the lines of flight. We have no intention to be or not to be, but enjoy the *between* and colors and lives and deaths, challenging paths (challenging, desafiador in Portuguese, has in its roots the negative *des*, the word *sharpen* – afiar, and the word *pain* – dor. These are lost in English – what is not written is lost in this case), without the need of true or false. Provoking (in art, in life, in writing, in education, nowhere) bursts of chaos, inconsideration to hierarchies and moral judgments. *whatever is not written stays* (Paul Leminski). *Sloc sloc sloc*.

## Keywords

Experimentation; resonances; lines of flight.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana/BA (UEFS), junto ao Departamento de Educação e ao Mestrado em Educação.

D( ).

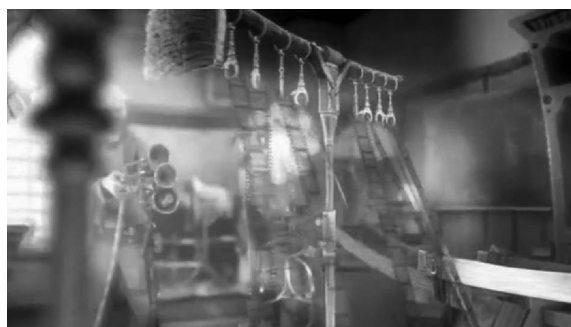
O que vimos e não vimos quando nos falta ar?

O que estamos a ver?

(ex)sloc.

Deslocar?

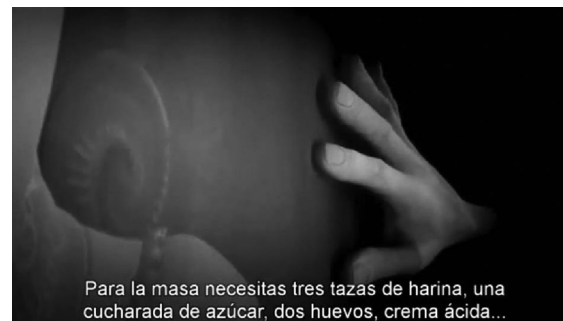
Desassossegar, talvez, nesta escrita que se pretende experimentação e(m) arte, na respiração, no espaço *hifeno*. Experimentação *hifena*. Hífen a querer mais do que associar ideias e palavras, antes, incitar uma extrapolação de sua simbologia sintática querendo intensificar espaços-tempos na produção de linhas de fuga... Reticências, hífen, parênteses em outros planos de criação. Ex-pulsar atravessando o pulso com a navalha da vitalidade. Desassossegos de impureza, de resistência à palavra de ordem. Educação é desassossego. Arte não é sossegada. Não pretendemos nem o ‘é’ nem o ‘não é’, mas *entre* dores e cores e vidas e mortes, desassossegar-se, desassossegarmo-nos, desassossegar. DeixAR-TE atravessar pela experimentação em devir. E devir. “Pela arte, não se traduz o intraduzível da dor – a dor na terceira pessoa é uma ficção – mas cria-se o espaço de manifestação possível ao toque, através da disseminação do sofrimento vivido por quem sofreu desde dentro” (VILELA, 2000, p.50).



Fotograma do curtametragem The Kinematograph

Cores, filmes, amores, farinha, açúcar, uma pitada de sal, maçãs e, para completar a receita, colocar as mãos e mexer.

Tocar a palavra cinematógrafo?<sup>2</sup>



Fotograma do curtametragem The Kinematograph

E como escrever e ler essa dor desde dentro a atravessar as camadas de cores, dos amores, das dores, dos sons, das saudades dos cheiros? Imagens que são e não são a torta, a memória movediça do tom pastel, a tentativa de resgate de uma explicação... Movimentos em outros planos de criação ressoando pelo conceito de signo, de Gilles Deleuze, como força intensiva de sensações proliferadas.

*Sloc sloc sloc.*

<sup>2</sup> *The Kinematograph*. Disponível em: <<http://vimeo.com/41470036>>. Esse curta, com direção de Tomek Baginsky, foi baseado na HQ homônima de Mateusz Skutnik. A produtora responsável é a Platige Image. Fonte das informações: <<http://www.pastelportal.com/stories/the-kinematograph-finished/>>.

## CRONICIBS

Ele se levantava de manhã, preparava um café forte, ia até a varanda para olhar o dia, azul, frio. Vestido com seu roupão gasto, quente, aconchegante, sentava-se em seu sofá, na sala e, entre um gole e outro de café, lia. Lia sobre Lia, a gata que não o deixava ler.

Mas, quando se lembrava do sorriso do gato de Alice que não se via, só ria e desistia de ler. Café, leitura, riso, gata. Lia e Lia ronronava. Música de fora/dentro de uma gata com sorriso.

Roncos risíveis da gata Alice que lia e dormia, dormia Lia. De tudo que leu em Lia, sobrou a lembrança do som do seu sono.

Giovana, Elenise, Alda e Alik<sup>3</sup>

*Paisagens que vão se adaptando às percepções ou ao que os pesquisadores querem mostrar como véus de morfina fantasiando possibilidades para um mundo, (...) São imagens que não fogem, portanto, da representação, mas este entre imagens pode nos ajudar a criar uma linha de pensamento para as imagens das ciências naturais que foge do traçado delimitador de ser "apenas" registro do real, de ser "apenas" semelhança, abrindo-se para outras criações, como ser "apenas" lembrança ou "apenas" desejo. (SPEIJCH, 2009, p. 6)*

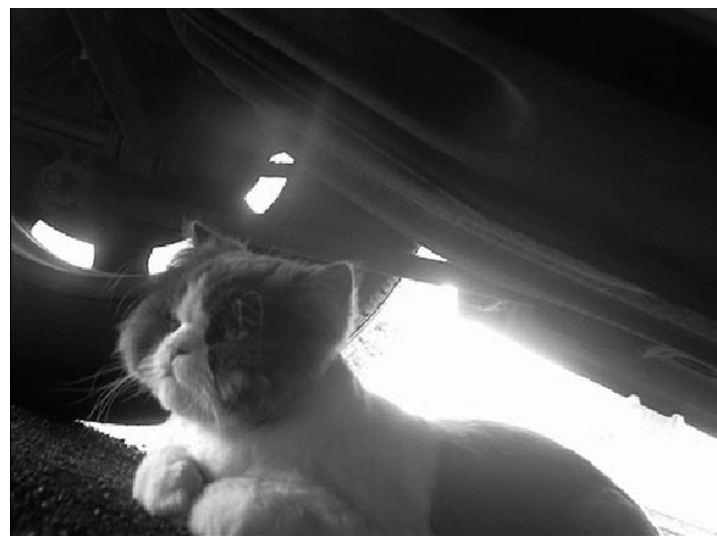
Se Lia dormia, Cooper fotografava<sup>4</sup>. Se Lia ronronava, Cooper experimentava. Com uma câmera fotográfica, ajustada para disparar a cada dois minutos, Cooper registra tudo o que vê durante o dia. (Será que registra mesmo?) Michael e Deirdre Cross, os donos do animal, dizem que a ideia os ajudou a conhecer melhor o dia a dia e as necessidades do bichano. “Ao mesmo tempo em que nos deixa vislumbrar o mundo dos gatos, a câmera também provou ser uma forma de comunicação válida”, afirmou Michael Cross.

<sup>3</sup> Esse pequeno texto foi realizado durante algum encontro em 2008, entre as amigas Giovana Scareli, Elenise Andrade, Alda Romaguera e Alik Wunder na Faculdade de Educação da Unicamp.

<sup>4</sup> *Gato 'tira fotos' do cotidiano com câmera no pescoço* é a manchete da reportagem sobre o gato com a câmera de fotografia. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110504\\_galeria\\_gato\\_fotografo\\_cc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/05/110504_galeria_gato_fotografo_cc.shtml)>.



Os donos dizem que ficaram impressionados com a beleza das fotografias que Cooper ‘tira’ uma vez por semana, quando usa a câmera. Na imagem, um gato que Cooper encontrou no bairro.



Essa imagem mostra um gato avistado por Cooper embaixo de um carro e é a favorita do dono, Michael. As fotos de Cooper já foram tema de duas exposições nos Estados Unidos.

Michael Cross, que é cineasta, disse que uma das coisas mais interessantes do projeto é poder enxergar o mundo a 15 centímetros do chão e descobrir o que os gatos veem quando os humanos não estão por perto. “Paisagens que vão se adaptando às percepções ou ao que os pesquisadores querem mostrar, como véus de morfina fantasiando possibilidades para um mundo” (SPEGLICH, 2009, p.87). Vislumbrar imagens de gatos que liam e fotografavam são adaptações e/ou alucinações? Possibilitamos que cotidianos (se) desloquem e nos (a)vistem com fantasias? Que explicações sairiam e entrariam por essas imagens? Ou ainda, que explicação é possível quando provocamos a criação de “uma linha de pensamento para as imagens das ciências naturais que fogem do traçado delimitador de ser ‘apenas’ registro do real, de ser ‘apenas’ semelhança, abrindo-se para outras criações, como ser ‘apenas’ lembrança ou ‘apenas’ desejo” (SPEGLICH, 2009, p.87)?

Apenas (sem aspas) contaminação com a ideia de experimentar, um experimentar que é a própria experiência do mundo e, por isso, não extrai seu valor do acerto e do erro, do olho humano ou do gato ou da câmera, mas de uma errância através de sensibilidades expressas no sentido. Outras explorações com/nas/das imagens, possibilitando um “pluri-álogo” de conhecimentos, sensações, registros, alucinações, deslocamentos. Como nas palavras de Deleuze (2005, p.30), “não são imagens que dão as costas à política, elas se tornam inteiramente políticas, mas de outra forma”. Uma poética que manifesta uma força política da imagem que produza sentidos imersos em uma materialidade continuamente deslizante e ambígua. Como afirmar a potência política da imagem no interior dessas adjetivações?



Nesta outra proposta estética, a ação política não se funda apenas no estar ou não de acordo com o que se vê e fotografa, mas em uma certa forma de lidar com o sentido e com a linguagem, na busca de um dizer/pensar que se aproxime do aberto, do imprevisível e do ficcional, fissurando a força da representação que mora nas imagens. Imprudência e angústia a nos movimentar pelas imagens, através de suas superfícies, proporcionando-nos a contemplação de entendê-las como intensivas e instáveis personagens na contemporaneidade, para além de meros meios de comunicação e/ou educação. Parênteses, reticências, hífen. Namorados, polacas, cérebros, Timão (sem ‘s’, o Corinthians Paulista).

Buscar uma educação visual que tem a imagem não como representação fixa de uma certa visibilidade, mas como criação de novas visualidades, “visagens” que não dão a ver o mundo, mas o tornam *visível* no plano das sensações. Privilegiar os signos que, em Proust, são emitidos o tempo todo por pessoas, objetos, matérias, formando a unidade e pluralidade da *Recherche* (DELEUZE, 2003). Roubamos aqui esse conceito de Deleuze para pensar nas expressões das imagens emitidas por signos lá presentes.

Deleuze extrai de Proust muitos casos assim: o que importa no quadro de Ver Meer, não é o todo de sua figuração enquanto formalização reflexiva, ou seja, não é sua capacidade de reproduzir fielmente a realidade

perceptível, nem, tampouco, o sentido do quadro se encontra em qualquer abstração identitária que funcione como eixo central doador de sentido; ao contrário, o quadro, enquanto signo, vale “pelo pequeno detalhe de parede amarela nele colocada como fragmento de um outro mundo”, mundo outro este que está ali, que no signo se complica, mas que se distingue do objeto que o expressa. O mundo do signo é o mundo dos “sintomas”, mostra-nos Deleuze a partir de sua leitura de Proust. (NASCIMENTO, 2011, n.p., tradução minha).

Signos, não interpretativos sobre o que aquela imagem quer dizer e/ou explicar, mas que atingem, sensibilizam, incomodam. “Incomodar é estar, também – por não saber como fazer – perto do abismo da experimentação” (PREVE, 2011, p.86), por isso a aposta na experimentação como postura político-estética de resistência à generalização e hierarquias que os procedimentos e conhecimentos científicos tentam incorporar em seus momentos de divulgação e educação.

Resistir pela criação de linhas de fuga para a organicidade da função social da palavra educação, contaminando(se) por mares privatizados, polacas naufragadas, gatos-fotógrafos, cinematógrafos, tortas de maçã. Com-*vidar* fragmentos estéticos que não pretendem, não entendem a necessidade de ‘propor uma unidade’, mas que preferem provocar sensações: afectos e perceptos enquanto possibilidades de criação de um real, inventando-o.

“As paixões são desse descabelamento?” *Sloc*

*sloc*

*sloc.*

Provocar, junto às imagens, uma despreensão em explicar, ilustrar, ordenar o mundo, o conhecimento, as sensações e, através dessa provocação duvidar da política representacional que, tantas vezes, sufoca (im)possíveis acontecimentos efêmeros que explodem em uma multiplicidades de sentidos. Pretender uma soltura das imagens por perambulações em

*non senses*, por vontades de expressão ao propor uma (des) educação dos sentidos, *descabelamentos*. Abrir fissuras e disparar correntes de AR, arejar, deslocar, atravessar(-se) por um procedimento político, um movimento de resistência às delimitações dos parênteses, às marcações dos hífens e, **desde dentro deste espaço D(-) provocAR-TE** em signos expressivos – *funcionamento* como Deleuze nos apresenta – e *versar* através de ex-pressões, em uma invasão sem pressa, para pensar a educação em um movimento descontínuo, fragmentado, deslocado de uma necessidade de verificação e confirmação de origem, linearidade e/ou ciclo representacional para os momentos de produção de conhecimentos e proliferação de pensamento.

A proposta de um *mundo-signo* para atravessarmos os artefatos culturais, inspirados em Wladimir Garcia (2010) que nos diz desse conceito ao apresentar a liquidez e heterogenia da cultura em um pensamento do campo pós-estruturalista: “O mundo-signo articula-se como série de ficções: ficções políticas, ficções

Seria interessante assistir ao vídeo disponível em <<http://youtu.be/VkLGSfKWpvI>> para continuar a leitura do texto. Ou não!

nacionais etc” (GARCIA, 2010, p. 142-143). Experimentar, junto às ficções, signos em um *devir* que extrapolam uma organização linear de finalidade, realização,

verdadeiro-falso, seja de pensamentos, objetivos, ideias, explicações, aplicações, divulgações, educações. Explorar um provável desprezo que os signos apresentam, imanente ao seu funcionamento, de entender-ensinar/mundo o-explicar.

Signos, cellos, pianos, repetições, flores, cores, sonhos, signos doloridos, amorosos, traidores, pretendendo explorar sensações a percorrer tantos e múltiplos instantes. D(ex)sloc-AR. Espera ativa de um espaço (entre parênteses, escrito num *post it*) em uma escrita que não se pretende explicação.

Multiplicidades e singularidades dos signos, conceito que Deleuze (2003) nos presenteia para pensar *à recherche du temps perdu*. Roberto Nascimento (2011, n.p.), acompanhado de Zourabichvili, nos diz “ao mesmo tempo em que o signo comporta diferentes mundos, o mundo exterior no qual tecemos nosso existir “devém interessante” somente na medida em que ele “faz signo e perde assim sua unidade tranquilizadora, sua homogeneidade, sua aparência verídica” (ZOURABICHVILI, 1994, p. 37).” (tradução minha).

Sentidos deslizantes que parecem ausentarem-se ao considerarmos a massacrante presença das imagens (oni)presentes das comunicações ‘de massa’, ‘de consumo’, imponentes mídias que parecem assumir uma ética de significações junto às informações que colocam em circulação, pretendendo-se ligar às possíveis necessidades das coletividades e, nesse movimento, não pretendem incomodar. Mais que essa não pretensão, propagar conforto e(m) verdades únicas a serem consumidas seria uma das generalizações mais frequentes que tais imagens carregam. Deixamos de estar no mundo e tornamo-nos (con)templação.

Possibilidades de que as imagens sejam sentidas como coisas do mundo...



Fotografia produzida por agricultor. Projeto Olhares cotidianos da Certificação Turismo CO2 Neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré-Serra Grande/BA (Edital FAPESB 15/2009)

- SLOC Projeto de extensão *Olhares cotidianos da Certificação Turismo CO<sub>2</sub> Neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré-Serra Grande/BA* (Edital FAPESB 15/2009). Coordenação Elenise C.P. Andrade Dedu/Uefs<sup>5</sup>.
- SLOC Projeto de pesquisa: *Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabulação: o que pode a divulgação científica?* (Edital MCT/CNPq 14/2009, Universal). Coordenação Carlos Vogt e Susana Dias Labjor/Unicamp<sup>6</sup>.
- SLOC Projeto de pesquisa *Fotografias a entrelaçar saberes e culturas através de cotidianos que (se) ex-pressam* (Edital Universal CNPq 2010-2). Coordenação Elenise C.P. Andrade Dedu/Uefs.

Atravessar signos e provocar (na arte, na vida, na escrita, na educação, em lugar nenhum) rompantes de caos, desconsiderações às hierarquias e aos julgamentos morais, que foi o que pretendemos ao elaborar o designer do livro *Olhares Cotidianos (re)velam o Programa Turismo CO<sub>2</sub> Neutro* (ANDRADE; BAU; PINTO FILHO, 2011), um dos produtos do projeto de extensão *Olhares Cotidianos da Certificação Turismo CO<sub>2</sub> Neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré - Serra Grande-BA* (FAPESB, 2009). Além das fotografias produzidas durante esse projeto resolvemos colocar no livro palavras dos participantes através de cartas que eles escreveriam para quem eles quisessem! Assim, o livro conta com um universo de fotos e cartas que não queriam representar nem explicar o cotidiano, o ambiente, o trabalho, as emoções dos envolvidos no projeto, mas sim expressar sentidos. Lidar com as (des)arrumações das imagens, das cartas, dos textos acadêmicos e de um vídeo que compõem o livro nessa postura mundo-signo: a escolha pelas ressonâncias do conceito de *road movie cultural* (GIN, 2008) que a designer Fernanda Pestana incorporou como podemos observar nas reproduções das páginas 74-75 e 64-65:

---

<sup>5</sup> Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>6</sup> Laboratório de Estudos Avançadas em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas.

OLHARES COTIDIANOS (RE)VELAM O PROGRAMA TURISMO CO, NEUTRO

OLHARES COTIDIANOS (RE)VELAM O PROGRAMA TURISMO CO, NEUTRO

**Carta para Aina<sup>51</sup>, que está me mandando a *Bolsa Conservação*,**

Estou muito feliz com o trabalho que estamos fazendo no campo. Estou feliz com a área de SAF que já foi implantado dentro de minha área, o viveiro, o banheiro seco, o trabalho de grupo, e com a parceria da equipe técnica do Mecenas que apoia a gente.

Eu tenho muito interesse em conhecer você pessoalmente, espero que você venha aqui na nossa propriedade para conhecer o trabalho que fazemos no campo.

Agradeço a Eva, Salvador, Jussara, Tiago, Clara, Marcelo, Luiz, Z e Valéria, que apoiaram a gente e trouxeram essa riqueza para o campo, esse conhecimento e o trabalho em grupo. Isso é muito bom, conhecer pessoas que a gente nunca imaginou conhecer.

Espero em breve que a gente possa se encontrar aqui.

*PEDRO SANTOS DA SILVA*

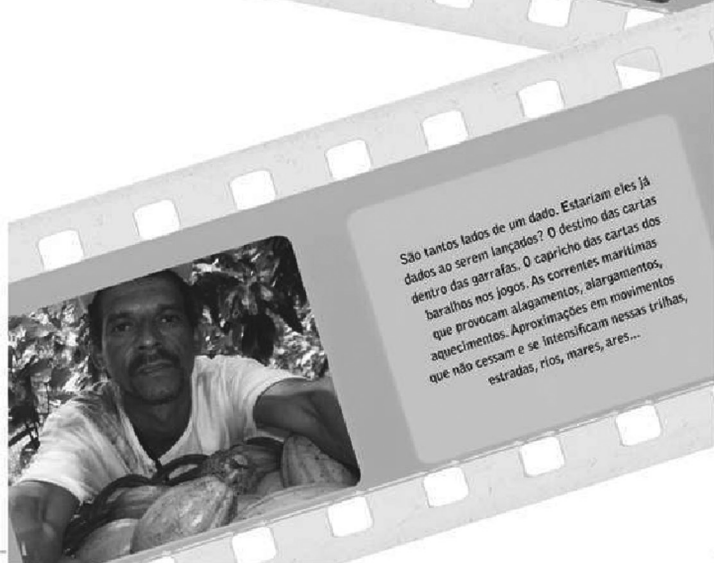
**Carta ao meu pai,**

Pai, eu estou mandando uma carta para lhe contar que a gente tirou fotos das plantas, dos cocos, da jegue, da Mel (*cachorra pequena*), de Larissa (*irmã pequena*), e do Sr. Miguel. E a gente colocou as fotos num CD que está em casa. Eu gosto quando estamos todos juntos no programa, porque tiramos muitas fotos.

*ALIFE DA SILVA*



<sup>51</sup> Aina é a mecenas do agricultor. Para maiores informações sobre o mecanismo, acesse "Seja um Mecenas" na página disponível em: <<http://www.mecenasdosida.org.br>>. Último acesso em: 15.07.2011.



(POÉTICA DO) **ENCANTAMENTO:**  
cenários a-vista(m)



*Road movie* como percursos entre imagens que propiciam um navegar caótico por cotidianos, experiências, ambientes, ciências, tempos e espaços. Percursos capazes de lançá-los para fora das fixações dos conhecimentos e culturas, e, nesse percorrer, intensificar a força da expressão. Cartas encantadas, cantoras... Cantos que também podem inventar, imaginar sentidos por quase infinitas possibilidades de artefatos culturais que ressoam, cruzam, tencionam, hibridizam, sensibilizam nossos pensares e saberes em educação e divulgação. Vontades de expressão dos signos que irrompem. Não apenas uma postura político-estética em dar voz, mas permitir-se atravessar pelas vozes que ecoam das expressões nas *fotosegrafias* não mais aprisionadas na representatividade, mas que se proponham a sentir-se em signos, pois Deleuze nos diz que “em primeiro lugar é preciso sentir o efeito violento de um signo, e que o pensamento seja como que forçado a procurar o sentido do signo” (DELEUZE, 2003, p. 22).

Força que atravessa as conexões com o projeto de pesquisa *Escritas, imagens e ciências em ritmos de fabulação: o que pode a divulgação científica?* (CNPq, 2009) que nos possibilitou o experimentar por entre imagens, sons, escritas e ciências. O desafio foi buscar uma pulsação ritmada pelo conceito de fabulação (DELEUZE, 2005; FOUCAULT, 2006), um convite para tomarmos a ficção em sua força política, movimento de ação sobre e no mundo. Deixar a própria fabulação contaminar-se com a ideia de um experimentar que é a própria experiência do mundo e, por isso, não extrai seu valor do acerto e do erro, mas da errância através de uma sensibilidade expressa no sentido das imagens, das escritas, das pesquisas.



FÁBIO MOON E GABRIEL BÁ - *Quase nada*  
Folha de São Paulo 07/04/2012

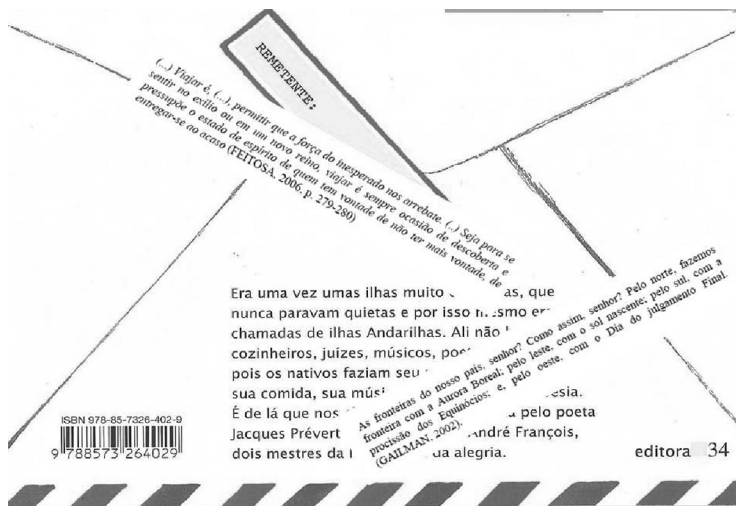
Saudades, ritmos, dias de hoje, Coelho Branco, *sempre sua M...* Movimentos de expressão na/com através da *escritapesquisa*, as cartas ressoaram por dois artigos<sup>7</sup> e uma apresentação *Poéticas do (des)cAR-te (s)em sentido* no evento *III multiTÃO: experimentações, limites, disjunções, artes e ciências...*<sup>8</sup> Cartas como uma aposta estética de exploração de pensamentos, conhecimentos, experiências, vidas e(m) ambientes singulares e não uma metáfora “escrever como se escreve uma carta”, mas uma singularização expressa “(...) Cartas que se jogam ao muno na pretensão de pensar o impensado” (ANDRADE; SPEGLICH, 2011). Não escrever, mas maquinar cartas...ex-cre-ver cartas... Des-cartar?

Des-cartes seriam cartas que já não cantam mais? Cantos que também podem inventAR MARGens por quase infinitas

<sup>7</sup> ANDRADE, E. C. P.; OLIVEIRA, R. S. M. Cartas, Caminha(o). Viajantes, Mutantes, Mares. Grafias (in)visíveis (des)marcando espaços (s)em tempos. In *ETD*, v. 11, n 2 (2010): Imagens, Geografias e Educação. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2118/1904>> e ANDRADE, E. C. P.; SPEGLICH, É. Imagens a fabular ambientes: desejos, perambulações, fugas, convites. In *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 6, n.1 (2011). Disponível em: <<http://www.epea.tmp.br/revipeafiles/revipeav6n1a7.pdf>>.

<sup>8</sup> Evento realizado entre os dias 17 a 19 de outubro de 2011. Organização: Labjor e FE-Unicamp.

possibilidades de artefatos culturais que ressoam, cruzam, tencionam, hibridizam, sensibilizam nossos pensares e saberes em educação. DescARTES que pretendem uma soltura das imagens em perambulações por *non senses*, por vontades de expressão. Pretender inspirar encontros “(...) que possibilitam uma perplexidade da alma, que forcem a pensar o impensável, a lembrar o imemorial e a sentir o insensível” (SPEGLICH, 2009, p. 102).



Trazemos aqui iniciantes águas dessas margens em mares de tentações que acompanham o projeto de pesquisa *Fotografias a entrelaçar saberes e culturas através de cotidianos que (se) ex-pressam* (CNPq, 2010). Como poderíamos explorar, abandonando as certezas da necessidade de uma explicação do sentido, os vazios e as ausências nas imagens? Partindo das fotografias produzidas no projeto *Olhares Cotidianos* e seus

fotógrafos remexer, arejar, perambular por outros poemas cotidianos através de intensidades dos signos que brotam dessas fotografias (e de outras, produzidas por artistas<sup>9</sup>), e pretender essa poesia como uma forma de registro que não quer ser significado (representado) despertando o político na expressão dos saberes através das superfícies, cores e objetos nas/com as fotografias. Um encontro com os agricultores, suas esposas e filhos e pesquisadoras-artistas Alik Wunder e Fernanda Pestana em Taboquinhas<sup>10</sup>. Outros olhares, outras vozes, outras cartas. Despertar, desapertar, desesperar com o descontrolo das fotos que são tiradas de... fotos. Seria esse o espaço deslocado no hífen, d(ex)sloc-AR? Vida que pulsa da natureza morta. Morte que intensifica a vida da natureza. Desmanche, rasura, esgarçamento... dilacerAR, disparcerAR, respirAR.



99 Fotografia produzida por filho de agricultor. Taboquinhas – BA. Projeto *Fotografias a entrelaçar saberes e culturas através de cotidianos que (se) ex-pressam* (Edital Universal CNPq 2010-2)

<sup>9</sup> Nessa oficina realizada em Taboquinhas (distrito de Itacarê-BA), as fotografias de outros artistas são de Marli Wunder.

<sup>10</sup> Essa oficina fez parte do evento *II O que pode um cotidiano que prolifera ao experimentar? Ex-perímetros... ex-posições...* realizado em abril de 2012, dias 25 e 26, no campus da UEFS e 28 em Taboquinhas.

## Querido Olhares Cotidianos

Olhei para você pela primeira vez antes do seu nascimento como livro. Recebi um arquivão com páginas e mais páginas do livro de maior autoria que já conheci. Dezenas de fotografias que se multiplicavam em pequenos fragmentos de um filme cotidiano, fotografias-fragmentos de vidas, recortes cotidianos que proliferaram sentidos e sensações em um conjunto de capítulos reunidos em um livro. A mim coube a tarefa de diagramar, de criar um diagrama em cada página em que os textos e as fotografias se encaixassem em uma relação visualmente harmônica e coerente com a proposta de seus autores. Para isso, em cada página que mexia no novo arquivo que eu estava criando, eu brincava com as imagens e com os textos: um pouquinho pra cá, um pouco mais lá, o texto corria, tinha que dar uma apertadinha entre as letras para ver tudo caber, ou faltava uma linha para preencher a página, e lá ia eu, inflar espaços entre os caracteres... Nessa brincadeira você nascia, querido Olhares, em livro. Mas não me parecia um livro muito comum, daqueles que narram grandes histórias seguindo uma sequência de fatos lineares, pois seus capítulos teciam conexões distintas entre si, que não em continuidade, mas talvez uma multiplicidade simultânea que propunha uma outra ordem, de capítulos soltos, na ordem do sem ordem ou em várias possibilidades de ordem.

Quando você nasceu desejava estar entre um livro e um *road movie*, era um *quase*-livro viajante por imagens cotidianas que desenhavam cenários diversos. Era um livro *quase*-filme de micronarrativas simultâneas, em imagens e cartas fabulosas que conversavam com o banheiro seco, com o saci, com os meus pais, com o Mecenas, com a Feira, com a floresta, com a manhã inesquecível... E me perguntei se havia algum cenário em que você, *quase*-livro *quase*-filme, se passou. E logo percebi que existiam muitas respostas vivas para esta pergunta, pois você sempre passa, ou melhor, você acontece em um estado constante de passagem, sem início nem final, apenas passagem pelo olhar, pela escrita, pela imagem, pelo cotidiano... E nessas passagens há proliferação de vidas, de emoções, de realidades, de conhecimentos.

No meu trabalho de diagramar, tinha que experimentar possibilidades visuais em que as fotografias e as cartas extrapolassem os limites do papel. Precisava criar margens brancas, dar espaços de respiro a serem povoados por outros olhares e cotidianos que o percorressem. Criar diagramas em que o branco lida não com o que está dado nas páginas, mas com o que paira nas *entrelinhas*, nas *entrepáginas*, nas *entreimagens*, no *entrefácio*. Páginas com perímetros expirados – ex-perímetros em exposição nas páginas.

Fernanda Pestana<sup>11</sup>

---

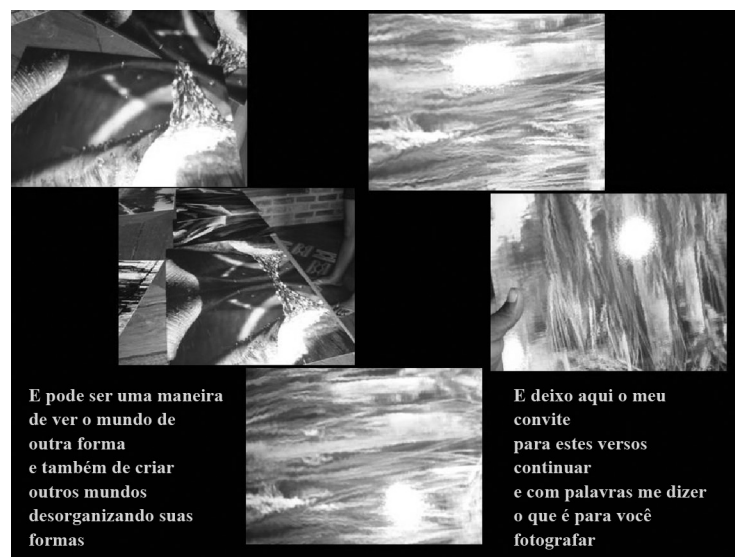
<sup>11</sup> Carta lida por Fernanda durante o encontro em Taboquinhas.



Fotografias de fotografias produzidas durante encontro em Taboquinhas-BA.  
Projeto *Fotografias a entrelaçar saberes e culturas através de cotidianos que (se) ex-pressam* (Edital Universal CNPq 2010-2)

O que a expressão desse cotidiano mobiliza? Cartas, *Início de uma carta versada para moradores de Taboquinha*<sup>12</sup>? Que cotidianos dançam, cantam, soam, ecoam, moram, vivem nessas pessoas? Que expressões visuais e culturais podem ser criadas nos encontros já realizados com os produtores dessas fotografias que aqui com-põem o texto e os ainda pretendidos como ampliação dessas reflexões? Fotografias que poemam, entre os registros e as falas, que pela inter-invenção de um *designer*, da manipulação de imagens, buscam potencializar as fotografias como memória de futuro, como abertura às atualizações imprevisíveis, não necessariamente verdadeiras ou erradas, ou exatas, mas cotidianas, vidas, vivas... Que experimentações poderão ser feitas com as imagens que potencializem uma conversa *entre* identidades, diferenças, culturas, imagens, conhecimentos e arte?

<sup>12</sup> Texto de autoria de Alik Wunder, lido no encontro em Taboquinhas.



Fotografias de fotografias produzidas durante encontro em Taboquinhas-BA.  
Projeto *Fotografias a entrelaçar saberes e culturas através de cotidianos que (se) ex-pressam* (Edital Universal CNPq 2010-2)



Fotografia produzida por filho de agricultor. Taboquinhas – BA.  
Projeto *Fotografias a entrelaçar saberes e culturas através de cotidianos que (se) ex-pressam* (Edital Universal CNPq 2010-2)

D(ex)sloc-AR. Talvez  
fique o que não  
se  
veja.

sloc

(Orgs.). *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação – assim falou Nietzsche V*. Petrópolis/RJ: DP&A, 2006.

sloc

FOUCAULT, M. Estética, literatura e pintura, música e cinema. *Ditos e Escritos III*. MOTTA, M. B. (Org.). Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Sloc

GARCIA, W. A. C. Pós-modernidade e diferença. *Revista de Estudos Universitários* (Sorocaba), v. 36, p. 139-144, 2010.

GAIMAN, N. *Deuses americanos*. Tradução de Ana Ban. São Paulo, Conrad, 2002.

GIN, Pascal. Les bifurcations culturelles du road movie contemporain. In: MOSER, Walter (Org.) *CINÉMAS*. Revue d'études cinématographiques – “Le road movie interculturel”, v. 18, números 2-3 (número duplo), primavera, 2008.

NASCIMENTO, R. Deleuze y Proust: subjetividad y pensamiento disparatados por signos. *Alcances*, Revista de Filosofia Contemporânea, v. II, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://alcances.cl/ver-articulo.php?id=89>>. Acesso em: 29 maio. 2012.

PESTANA, F. C. M. Educação visual, design e minoridade: foto(des)montar os padrões da divulgação científica. Relatório Parcial de Bolsa de Iniciação Científica. FAPESP, 2011.

PREVE, A. M. H. *Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

PRÉVERT, J. *Carta das ilhas andarilhas*. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: Editora 34, 2008.

## Referências

ANDRADE, E. C. P.; SPEGLICH, É. *(Em)tornando o tempo n(d)o caldo em “c”*: cultura, cinema, ciência, centralidades. Texto apresentando no II Simpósio Internacional de Educação e Filosofia: experiência, educação e contemporaneidade, FFC/Unesp, Marília, 2008.

ANDRADE, E. C. P.; BAU, E. A.; PINTO FILHO, J. B. (Orgs.) *Olhares cotidianos (re)velam o programa turismo CO<sub>2</sub> neutro*. Feira de Santana/BA: Editora da UEFS, 2011.

DELEUZE, G. *A imagem-tempo*. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. *Proust e os signos*. Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

FEITOSA, C. Educação do filósofo através das viagens. In: FEITOSA, C.; BARRENECHEA, M.A.; PINHEIRO, P.

SPEGLICH, É. *Duração: entre imagens do Programa Biota/Fapesp*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

VILELA, E. *Corpos Inabitáveis. Errância, filosofia e memória*. In: *Enrahonar*, n. 31, 2000. p. 35-52.

ZOURABICHVILI, F. *Deleuze: une philosophie de l'événement*. Paris: Press Universitaires de France, 1994.

Recebido em 22 de maio de 2012 e aceito em 27 de agosto de 2012.